

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Um poste chamado FH

No setor que mais funciona hoje no governo, o departamento de marketing, existe uma avaliação de que a declaração do presidente sobre os "vagabundos" que se aposentam antes dos 50 anos de idade teve a malfadada função de *linkar*, na cabeça do eleitor, os problemas reais com uma insatisfação difusa e até então inexplicável.

O desemprego já vinha figurando nas pesquisas de opinião como um fator de desgaste do governo, sendo que a inflação – cujo combate elegeu Fernando Henrique em 1994 – estava lá na rabeira da lista das preocupações.

Enquanto isso, havia um dado que não aparecia nas pesquisas, mas era nítido nas ruas: a impressão de que a tranquilidade do presidente na abordagem das aflições nacionais era coisa de quem não se interessa pelas dificuldades individuais, sejam elas dos mais pobres ou da classe média.

Quando falou dos "vagabundos", FH como que colou uma coisa à outra, e aquilo que era latente na cabeça das pessoas ganhou substância, nome, cara, endereço.

Quem estava irritado com o governo mas não sabia exatamente qual a razão teve naquela palavra imprópria um motivo. Tanto que, nas pesquisas divulgadas no fim de semana, boa parte dos consultados diz que não vota em FH por causa da declaração.

O que tem mais cara de ameaça – aliás, é assim que avaliam os analistas de pesquisas – do que de intenção real.

O problema é que ainda está difícil de acreditar que cidadãos maiores de idade e donos de seu juízo perfeito apostem seus destinos em tão pouco, dado que da oposição ainda não surgiram razões objetivas que a façam merecedora dos votos da maioria.

Mas se o que aparece nas pesquisas for mesmo para valer, o presidente ainda que momentaneamente fez cumprir a profecia segundo a qual apenas Fernando Henrique seria capaz de prejudicar Fernando Henrique. E, sendo a tese verdadeira, a recíproca também o é: só Fernando Henrique será capaz de salvar Fernando Henrique.

Ou não. Mas isso vai depender do que o adversário Luiz Inácio Lula da Silva será capaz de apresentar ao eleitorado. Por enquanto, Lula está na muda, surpreso com o inesperado sucesso e abrindo a boca para dizer o estritamente necessário.

Não fez nenhum movimento até agora que justificasse a repentina preferência do eleitor. Portanto, a queda de Fernando Henrique não se deve à atuação de Lula. Óbvio que uma parcela dos votos vai para ele simplesmente porque tem que ir para alguém. E é ele quem está mais perto, é mais conhecido, há anos é o ícone do protesto.

Nem Delfim Netto, que agora troca gentilezas com o PT, considera que o tal poste capaz de derrotar Fernando Henrique já tenha encontrado uma identidade. Por enquanto chama-se Fernando Henrique, mas Delfim não descartaria a hipótese de vir a se chamar **Ciro Gomes**.

Pode ser. Mas desde que não perca mais tempo com um discurso de ministro da Fazenda falando coisas que muito pouca gente entende – o incompreensível idioma das debêntures – e deixando de lado o que mais sabe fazer que é emocionar as pessoas.

Tanto que, mesmo com a subida de Lula, o governo ainda continua se pelando mais com a hipótese de **Ciro** vir a acontecer do que com a tarefa de abater o petista em pleno vôo.

É bem verdade que o próprio **Ciro** estabeleceu esse cronograma. Já no começo do ano dizia que seu plano era explorar um discurso de conteúdo até se tornar suficientemente conhecido para poder deixar fluir seu lado político-jovem-ousado-empresendedor-atrevido.

Dizia que não, mas temia ser comparado àquele senhor das Alagoas que outro dia transpôs as fronteiras de seu rincão para um périplo paulista e de lá foi corrido pela CUT com um quente e dois fervendo.

Pela agenda que **Ciro** estabeleceu em janeiro, depois da Copa seria o momento ideal para ele se apresentar ao eleitorado como sempre foi.

Mesmo que faça isso e que Lula também use esse mês que temos pela frente para elaborar a mais sensacional estratégia eleitoral jamais vista neste país, ainda resta uma questão a resolver:

As elites ciosas de seus dedos e a classe média temerosa pelo que ainda lhe resta dos anéis vão arriscar-se a mudanças bruscas? Hoje, instituições, organizações e até pessoas que representam cada uma sua parcela de poder soltam o verbo, deixam correr solta a insatisfação.

Mas, uma vez que não prepararam outra alternativa por eles mesmos considerada confiável, vão apoiar exatamente quem?

Muito provavelmente Fernando Henrique mesmo. Que, como reza a profecia, ainda tem boa chance de se derrotar. Por exemplo, continuando a se mostrar tão frágil e temeroso de uma derrota que a lógica não indica que virá, que poderá até ganhar. Mas para cumprir um segundo mandato em que os condôminos da aliança política que o sustenta serão – por vistos como salvadores da candidatura – um pouco mais donos do poder que já abiscoitaram no primeiro período. E, desta vez, sem o moderador de apetites que se chamava Sérgio Motta.

Quanto mais frágil e temeroso se mostrar, mais o presidente estará cedendo poder aos aliados
